

ESCREVIVÊNCIAS,
PEDAGOGIA HIP
HOP E O ENSINO
DE HISTÓRIA:
REFLEXÕES SOBRE O
ENFRENTAMENTO
DA PANDEMIA
NA PERIFERIA DE
SÃO PAULO



V SICCAL

[GT1 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE]

Fábio da Silva Cândido

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP

Kleber Galvão de Siqueira Junior

Faculdade de Educação da USP (FEUSP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Uma formação potencialmente emancipatória, como sugerem Adorno (2008) e Davis (2016), tem como preocupação central a elaboração crítica da História e uma compreensão aprofundada das bases estruturais da sociedade. Inspirando-nos em tais reflexões, bem como na Pedagogia Hip Hop (2014) e no conceito de Escrevivência (Evaristo, 2007), propomos, a partir de docências compartilhadas ministradas na EMEF Célia Regina em São Paulo - SP, uma reflexão crítica sobre a pandemia de covid-19 e os problemas sociais decorrentes dela, especialmente na periferia da capital, tendo como eixo a visão de estudantes da turma do 7ºB, expressa em textos elaborados a partir da interpretação do videoclipe Quarentena, de MV Bill (2020) e da leitura do poema Curar (O'Meara, 2020).

Palavras-chave: Pedagogia hip hop. Escrevivências. Ensino de história. Educação emancipatória. Pedagogia crítica.

A potentially emancipatory formation, as suggested by Adorno (2008) and Davis (2016), has as its central concern the critical elaboration of History and a deeper understanding of the structural bases of society. Inspired by such reflections, as well as by Hip Hop Pedagogy (2014) and the concept of "Writexperience" (Evaristo, 2007), we propose, based on shared teachings taught at EMEF Célia Regina in São Paulo - SP, a critical reflection on covid-19 pandemic and the resulting social problems, especially on the outskirts of the capital, having as its axis the view of students from the 7thB class expressed in texts prepared from the interpretation of the video clip Quarantine, by MV Bill (2020) and the reading of poem Heal (O'Meara, 2020).

Keywords: Hip-hop pedagogy. Writexperience. History teaching. Emancipatory education. Critical pedagogy.

Una formación potencialmente emancipadora, como sugieren Adorno (2008) y Davis (2016), tiene como preocupación central la elaboración crítica de la Historia y una comprensión más profunda de las bases estructurales de la sociedad. Inspirándonos en tales reflexiones, así como en la Pedagogía Hip Hop (2014) y el concepto de escrevivências (Evaristo, 2007), proponemos, a partir de enseñanzas compartidas impartidas en EMEF Célia Regina de São Paulo - SP, una reflexión crítica sobre la pandemia del covid-19 y los problemas sociales resultantes, especialmente en las afueras de la capital, teniendo como eje la mirada de los alumnos de la 7a clase B expresada en textos elaborados a partir de la interpretación del videoclip Quarentena, de MV Bill (2020) y la lectura del poema Curar (O'Meara, 2020).

Palabras clave: Pedagogía del hip hop. Escrevivências. Enseñanza de la historia. Educación emancipadora. Pedagogía crítica.

Introdução

Em *Becos da Memória* (2018)¹, Conceição Evaristo nos apresenta as experiências, os dramas, as lutas e as esperanças de moradores de uma favela supostamente fictícia que estava passando por um traumático processo de desfavelamento nos anos 1980.

Dentre as personagens desta história, destaca-se Maria-Nova, menina altiva, curiosa, inteligente e sensível, de olhar atento a tudo o que acontece em sua comunidade. Em certos momentos, Maria-Nova pode ser confundida com a própria Evaristo, pois a narrativa apresenta processos de rememoração ou de recriação de memórias, entrelaçando as personagens e a autora, a ficção e a realidade, a imaginação e as lembranças, na construção desta história. Mas Maria-Nova também representa muitas jovens moradoras de favelas, comunidades, mucambos e periferias Brasil afora. Temos muitas Marias-Novas em nossas escolas. Meninas e meninos espertos, curiosos, ávidos por compreender os seus contextos e ansiosos para contar as suas próprias histórias.

Ao longo do presente artigo, iremos apresentar uma discussão sobre propostas pedagógicas voltadas para o Ensino Fundamental II, especialmente relacionando as disciplinas de História, Língua Portuguesa e Geografia, dentre outros saberes curriculares de maneira interdisciplinar, que têm como objetivo a promoção de

práticas de ensino que estimulem reflexões críticas sobre a formação da sociedade, com ênfase nos estudantes, em suas experiências e contextos, ao longo do processo de construção de um conhecimento crítico.

Assim, tendo como norte a busca por uma *educação emancipatória*, no sentido proposto por Adorno (1995)² e Davis (2016)³, procuraremos, neste texto, promover um diálogo entre o conceito de *escrevivências*, de Evaristo (2018) e propostas de ensino inspiradas pela *Pedagogia Hip-Hop* elaborada por Hill (2014)⁴.

Avançando nas discussões propostas, apresentaremos o desenvolvimento-piloto de uma experiência de docências compartilhadas inspiradas por tais reflexões e que estão ocorrendo com a turma do 7ºB da EMEF Célia Regina Lekevicius, situada no Parque Novo Mundo, zona norte de São Paulo - SP.

Com o gradual retorno dos estudantes para as escolas públicas, estratégias de acolhimento das crianças e jovens demonstraram-se fundamentais para a retomada dos estudos e para a (re)construção dos laços com as amigas e colegas, com as(os) educadores, as(os) gestores, as(os) funcionários, com o ensino e com a escola propriamente dita.

1 EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

2 ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, 1995.

3 DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

4 HILL, Marc Lamont. **Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

Contudo, tal acolhida também deveria propiciar reflexões críticas sobre as experiências vividas durante os meses de pandemia, estimulando a compreensão sobre a relação entre o contexto pandêmico por eles enfrentado e as políticas públicas, sobre os direitos e deveres de todos os cidadãos e, principalmente, sobre as questões perpetradas pela desigualdade social e econômica que assola o Brasil e que legou profundas desigualdades no enfrentamento das consequências da pandemia. Com este intuito, nos inspiramos em obras como *Becos da Memória* (2018), bem como no rap *Quarentena*, de MV Bill (2020)⁵ para a promoção das discussões e reflexões com os estudantes.

Nesta perspectiva, a intenção é, por meio de estratégias pedagógicas, colaborar para uma elaboração das experiências, dos lutos e traumas do período, enfim, contribuir para a elaboração das memórias por parte das alunas e alunos, mas sempre abrindo brechas para a esperança, para a possibilidade de sonhar e de imaginar o novo.

Assim como Maria-Nova, em *Becos da Memória* (2018), muitas crianças e jovens anseiam por contar suas histórias, suas lutas, suas dores, suas alegrias e seus sonhos, mas a seu modo. Nossos estudantes desejam contar as suas próprias histórias. Elas e eles têm muito o que dizer, o que mostrar, o que ensinar também. E a escola pode e deve colaborar para que aprimorem as suas *escrevivências* (EVARISTO, 2018). Escrever sobre as suas vivências

é uma forma positiva de elaboração das experiências.

Escrevivências e pedagogia hip-hop: rumo a práticas de ensino de história críticas e potencialmente emancipatórias

Theodor Adorno, filósofo alemão ligado à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, na obra *Educação e Emancipação* (1995), apresenta-nos uma interessante visão sobre o sentido de uma educação emancipatória e sobre as demandas urgentes no ensino, sobretudo após o holocausto e as barbáries efetuadas antes e durante a II Guerra Mundial.

Para o filósofo, uma educação emancipatória seria aquela que dotasse o sujeito de ferramentas para uma análise crítica do passado e das condições que estruturam a sociedade, permitindo que se interrompa o curso da barbárie que perdurou ao longo da história da civilização, estando apto para construir uma nova sociedade, sobre outras bases morais, sociais e econômicas.

Em outras palavras, Adorno defende uma educação na qual os sujeitos possam, por meio de sua formação, elaborar o passado de maneira crítica para atuar no presente. E, dessa maneira, dotados de uma consciência histórica crítica, possam lutar por um outro devir, por uma nova sociedade, mais justa, solidária e democrática. Um conhecimento crítico, neste sentido adorniano, tornaria mulheres e homens inaptos para a sujeição, para a submissão,

⁵ MV BILL. **Quarentena**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NQiykuwYLSk>. Acesso em: 19 out. de 2021.

para a dominação e para a reprodução das barbáries. Ao contrário, formaria cidadãos com autonomia e capazes de exercer plenamente a sua liberdade.

Adorno (1995) aponta que a tarefa mais urgente da educação seria lutar para que Auschwitz não se repetisse. A construção desta elaboração crítica, tanto sobre as reminiscências do passado, como sobre a estruturação do presente, passa pela compreensão dos sujeitos sobre a própria história e a de seus ancestrais, mas também pela análise e pela compreensão da formação de seu contexto social e econômico.

As raízes do fascismo, do nazismo e do totalitarismo que culminaram no holocausto e em outras tragédias na primeira metade do século XX, continuavam a preocupar Adorno nos anos 1960, motivando-o a realizar uma série de conferências transmitidas pela rádio de Hessen, na Alemanha, ao longo desta década, resultando na referida obra *Educação e emancipação* (1995), que tomamos como base nestas reflexões.

Tais influências nazifascistas nos preocupam até hoje, na Europa, no Brasil e no mundo como um todo. Mas gostaríamos, contudo, de apontar para outra barbárie que ainda tem suas raízes na sociedade brasileira: a diáspora forçada de africanos para as Américas durante a escravidão.

O escravismo nos legou estruturas sociais, jurídicas, econômicas e educacionais que perpetuam, ainda hoje, discriminações raciais, sociais e de gênero, fomentando opressões em diferentes camadas que sustentam e reproduzem,

ainda no século XXI, a desigualdade socioeconômica brasileira.

Se quisermos entender a nossa sociedade atual, precisamos de um olhar atento sobre o passado e suas barbáries, precisamos entender a fundo o escravismo, Auschwitz e outros acontecimentos históricos e suas consequências na vida das pessoas até a atualidade. Uma educação emancipatória tem como proposta o incentivo a uma elaboração crítica do passado.

Em sua célebre obra *Mulheres, raça e classe* (2016), especialmente nos capítulos 5 e 6⁶, Angela Davis, filósofa socialista, ativista social e política, ligada ao Partido Comunista dos EUA e professora do Departamento de História da Consciência na Universidade da Califórnia-Santa Cruz, discorre sobre o sentido de emancipação, principalmente para as mulheres afro-americanas nos Estados Unidos e sobre o papel da educação nas lutas emancipatórias ensejadas na modernidade.

Davis (2016) demonstra como a luta pela abolição da escravidão naquele país teve estreita relação com a conscientização das mulheres e homens sobre os seus direitos civis dentro de uma sociedade forjada na barbárie escravista: países de base econômica sustentados pelo mercantilismo-escravista tendem a perpetuar relações marcadas pelo patriarcalismo, pelo racismo, pela discriminação e pelo preconceito. O que, de acordo com a autora, intersecciona

6 DAVIS, Angela. O significado de emancipação para mulheres negras e Educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras. In: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

as camadas de opressão, mas também as estratégias de resistência.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a campanha antiescravista foi incentivada, reforçada e sustentada pela luta pelo direito à educação da população afro-americana, ou seja, pela luta pelo conhecimento. Batalha encampada majoritariamente pela população negra, mas contando também com a colaboração dos brancos.

Tais ações foram por vezes individuais, como no processo de alfabetização do líder abolicionista Frederick Douglass, mas também se deram no âmbito coletivo, como nas lutas em prol de escolas para a população negra no norte e no sul dos Estados Unidos - momentos durante os quais a luta da população negra encontrou certo apoio, ainda que pontual e difuso⁷.

Como nos aponta Davis, a luta pela educação da população afro-americana e, consequentemente, em prol da emancipação da

população negra no sul dos Estados Unidos, encontrava apoio de mulheres brancas críticas da escravidão e cientes da importância do ensino no processo de emancipação dos sujeitos. As histórias destacadas por Davis, ocorridas, sobretudo, nos séculos XVIII e XIX, de certa forma antecederam e prepararam a Guerra Civil estadunidense, acontecimento traumático para o país e que culmina na abolição da escravidão naquele território⁸.

Prince Hall, Lucy Prince, Katy Ferguson, Prudence Crandall, Margaret Douglass e Myrtilla Milner, todas exemplos da contribuição de educadoras no movimento antiescravista, também são símbolos da força da mulher em prol do avanço da sociedade⁹.

Retomemos um caso curioso de luta singular pela educação e que exemplifica essa associação entre a importância deste

⁷ Davis lança luz sobre a história de mulheres, como Prince Hall, que ainda em 1787, liderou uma petição no Estado de Massachusetts para que pessoas negras livres pudessem frequentar escolas (um direito que lhes era negado); também cabe lembrar de Lucy Terry Prince, africana que, em 1793, lutou pela admissão de seu filho no Colégio Willians Para Homens, bem como da história exemplar de Katy Ferguson, uma ex-escrava que, neste mesmo ano, abriu em Nova York a **Escola Katy Ferguson Para Pobres**, escola na qual admitia tanto alunos negros, quanto brancos. Todas essas iniciativas verificadas ainda no século XVIII, demonstram as dificuldades vivenciadas pelas populações historicamente prejudicadas, mas também a força e a persistência da população afro-americana, sobretudo das mulheres, em prol do conhecimento para todos. Nas palavras de Davis, “as pessoas negras que recebiam instrução acadêmica inevitavelmente associavam o conhecimento à batalha coletiva de seu povo por liberdade” (DAVIS, 2016, pg. 111).

⁸ Prudence Crandall, por exemplo, foi uma professora branca de Connecticut que defendeu arduamente o direito de suas alunas negras estudarem, até ser presa em 1833 por isso. Outra professora inspiradora foi Margaret Douglass, também presa por lecionar para pessoas negras em Norfolk, Virginia. Por fim, cabe lembrar de Myrtilla Milner, mulher guerreira que arriscou a própria vida para ensinar crianças afro-americanas no Mississippi, prática considerada crime na época. Milner, em 1851, fundou uma **Escola de Formação de Professoras Negras** na capital, em Washington, passo importante para o avanço da educação e da luta emancipatória naquele país.

⁹ Como aponta Davis: “Mytilla Milner manteve acesa a chama que outras antes dela, como as irmãs Grimké e Prudence Crandall, deixaram como um poderoso legado. Não poderia ser mera coincidência histórica o fato de que tantas mulheres brancas que defenderam suas irmãs negras nas situações mais perigosas estivessem envolvidas na luta pela educação. Elas devem ter percebido como as mulheres negras precisavam urgentemente adquirir **conhecimento - uma lanterna para os passos de seu povo e uma luz no caminho para a liberdade**” (DAVIS, 2016, p. 111, o grifo é nosso).

processo de construção do conhecimento crítico na formação de uma consciência emancipatória. Neste quesito, Davis (2016) destaca a história de um grande líder abolicionista afro-americano, Frederick Douglass. Centramos nossa discussão no episódio do “despertar da consciência crítica” deste estadista ou, nas palavras da autora, do “acender das luzes” em seu caminho para a liberdade.

Certa vez, Douglass, ainda escravizado em Baltimore, EUA, ouviu que “O conhecimento torna um homem inapto para a escravidão” (DOUGLASS, 1882, p. 43)¹⁰ - Ele guardou essas palavras no fundo da alma. Esta frase, presente em sua autobiografia, escrita décadas depois, lhe fora dita pelo seu antigo escravizador, Hugh Auld quando este repreendia a sua esposa, Sophia Auld, por ter alfabetizado o menino Douglass.

Sophia, sem querer e sem saber, dotou o menino de ferramentas que possibilitaram que ele quebrassem as correntes físicas e mentais que o escravizavam. Os demais escravizadores da época não eram tão ingênuos quanto ao potencial emancipador da educação quanto ela. Em muitos Estados a educação da população negra era proibida, sendo até mesmo criminalizada!

Estas palavras de Auld foram marcantes para Frederick Douglass, realmente significativas. E a busca pelo conhecimento passou a alimentar o seu espírito, levando-o a alcançar não apenas a própria

emancipação, mas também a ser figura central na abolição da escravidão nos Estados Unidos.

O conhecimento foi libertador para Frederick Douglass ao longo de sua vida, foi uma ferramenta importante para a superação da sua condição de escravizado e, sobretudo, para a construção de si como sujeito dotado de espírito livre, que marcou sua entrada na História. Estes casos, coletivos e individuais, demonstram o que a autora aponta ao escrever que:

É pouco provável que a população negra estivesse celebrando os princípios abstratos da liberdade ao saudar o advento da emancipação. Quando aquele “enorme lamento humano lançou-se ao vento e atirou suas lágrimas ao mar - livre, livre, livre”, a população negra não estava dando vazão a um frenesi religioso. **Essas pessoas sabiam exatamente o que queriam: mulheres e homens almejavam possuir terras, ansiavam votar e “estavam dominados pelo desejo por escolas** (DAVIS, 2016, p. 107, o grifo é nosso).

Nesta obra, Davis (2016) aponta que o sentido de emancipação para a população afro-americana relacionava-se ao direito à autonomia, o que demandava acesso a condições dignas de vida (terra), à participação nos processos eleitorais e políticos (voto) e ao direito à educação crítica e a escolas de qualidade. Algo que, em sociedades escravistas, como a estadunidense e a brasileira, que reproduzem o patriarcado racista e machista, sempre foi dificultado para as pessoas negras e indígenas, mas também para as mulheres em geral.

¹⁰ DOUGLASS, Frederick. **The Life and Times of Frederick Douglass**: From 1817-1882. Introdução de Right Hon. John Bright, ed. John Lobb, London: 1882. p. 43.

Anseios, como o direito à terra, ao seu cantinho digno, ao voto ou ao reconhecimento enquanto sujeitos e cidadãos, mas sobretudo o direito à educação e a escolas de qualidade, também estão presentes, apesar da distância no espaço e no tempo, nas obras de Conceição Evaristo, que retratam em seus romances-denúncia a luta em prol da real emancipação da população negra no Brasil ao longo do século XX.

Com Maria-Nova, em *Becos da Memória* (2018), temos certeza da importância da elaboração da memória e sobre a importância da escrita-de-si no processo de emancipação dos sujeitos. A menina curiosa, que, por vezes, confunde-se com Evaristo, reivindica o sonho de um dia escrever a sua própria História e a História dos seus.

Um dia, ao ser indagada por sua professora sobre porque ela estava pensativa e distante durante uma aula de história da escravidão no Brasil, Maria-Nova (ou seria Evaristo?) se vê numa associação de pensamentos que aproximava as casas-grandes e senzalas das favelas e condomínios que ela conhecia:

A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida (EVARISTO, 2018, p. 150).

E Maria-Nova, inquieta, indagava-se sobre a condição do negro no Brasil no

pós-abolição, sobre a desigualdade social e econômica gerida pelo contexto da economia escravista que, por séculos, fomentou as relações sociais patriarcais, machistas e racistas vigentes na sociedade brasileira.

Discriminação que atingia em cheio as oportunidades das pessoas negras, indígenas e pobres deste país, dificultando ou mesmo impedindo as chances de crescimento e real emancipação que uma educação crítica e de qualidade pudesse oferecer. A menina continua pensando:

Pensou nas crianças da favela: poucas, pouquíssimas, podia-se contar nos dedos as que chegavam à quarta série primária. E entre todos, só ela estava ali numa segunda série ginásial, mesmo assim fora da faixa etária, era mais velha dois anos que seus colegas. [...] Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (EVARISTO, 2018, p. 151, o grifo é nosso).

E com este pensamento de Maria-Nova, retomamos as discussões iniciadas por Adorno (1995) e Davis (2016), apresentadas anteriormente. Evaristo demonstra de maneira inequívoca e poética, a importância da elaboração crítica do passado - seja da memória, seja da história -, apresentando-nos a necessidade vital das populações historicamente prejudicadas contarem a história a contrapelo, segundo as suas

experiências e vivências. Ressalta, nesse sentido, a importância das escrevivências para a sobrevivência das populações legadas à margem. Uma história que, como diz Evaristo, sangra, mas que precisa ser contada. Mas, de fato, o que seria essa chamada *escrevivência*? De acordo com a autora, no prefácio da terceira edição, publicada em 2018,

Becos da Memória é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E como a memória esquece, surge a necessidade da invenção. [...] Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha (EVARISTO, 2018, n.p.).

Ou seja, a *escrevivência* seria a escrita de experiências de vida, principalmente dos corpos e mentes negras, outrora eclipsadas, como parte de um processo de construção ficcional da memória e do processo de elaboração do passado.

Evaristo, em *Becos da Memória* (2018), escreve sobre a sua própria experiência de vida de uma maneira direta e crua, numa escrita-denúncia sobre o contexto das pessoas pobres moradoras de periferias de grandes cidades brasileiras, o que nos lembra alguns raps socialmente engajados escritos décadas depois.

Tendo em vista as ideias sobre educação emancipatória e sobre a importância da elaboração crítica do passado a partir das *escrevivências*, gostaríamos de relacionar

essas discussões com a chamada *Pedagogia Hip-Hop* (2014), inspirando-nos na proposta de Marc Lamont - Hill, de modo a levar tais reflexões para o ensino de História e cultura da África, dos afro-brasileiros e dos povos indígenas, de acordo com as diretrizes da Lei 11.645/2008.

Em sua obra, *Batidas, rimas e vida escolar* (2014), Hill apresenta sua experiência de ensino de literatura inglesa a partir de temas transversais e delicados, mas presentes no contexto de seus estudantes, como: aborto, violência, abandono. Ele ministrava suas docências compartilhadas em uma área socialmente vulnerável da Filadélfia.

Inspiramo-nos sobretudo em dois aspectos de suas experiências: 1. no recurso a textos da literatura *Hip-Hop* enquanto ferramenta pedagógica e 2. na visão dos rappers enquanto *wounded healers*, ou curandeiros-feridos, na tradução em português.

O uso dos textos de rap como estratégias de ensino permitiam discussões sobre a forma e conteúdo das letras, sobre literatura, semântica ou gramática, mas também sobre o contexto social presente naquelas produções e sobre os contextos dos personagens envolvidos. Temáticas, enfim, que possibilitavam estudos da língua inglesa relacionando-os com assuntos próximos da realidade dos alunos e com os quais eles poderiam se envolver ao longo do processo de aprendizagem crítica que Hill propunha.

Já a ideia dos *curandeiros-feridos*, inspirada no mito do Centauro Quíron, se relacionaria com a ideia do autor de introduzir as discussões sociais delicadas, mas necessárias naquele contexto, a partir de

exemplos contidos nas letras. Quíron teria sido um médico imortal que foi ferido por uma flecha envenenada, o que lhe causava uma dor lancinante, mas o levou a aprimorar seus dons para curar os outros.

Hill recorreu a letras de rap cujos personagens, geralmente em primeira pessoa, passavam por situações complicadas na vida, como um aborto ou casos de violência, e convidava as alunas e alunos a, primeiro, escrever em seus diários o que pensaram das letras, para depois, caso quisessem, compartilhassem com os colegas, iniciando a discussão pretendida para a aula. Assim, Hill partia do estímulo dos textos de *Hip-Hop*, recorrendo a textos de rappers tidos como curandeiros-feridos, para a elaboração sobre as condições que estruturavam ou perpassavam o contexto socioeconômico de seus alunos.

Em nossas experiências, pensamos em seguir essas duas estratégias de Hill, o uso de textos de Hip-hop e a seleção de textos com temáticas sociais próximas do contexto de nossos estudantes, mas em aulas de História e Português e para alunas e alunos dos anos finais do ensino fundamental na EMEF Célia Regina Lekevicius, localizada na periferia de São Paulo.

Avançando, pretendemos, ao longo de nossas docências compartilhadas, estimular a produção de textos por parte de nossas alunas e alunos, textos especialmente sobre o contexto de cada um, de suas famílias, de seus bairros e suas comunidades, de suas experiências.

Desse modo, queremos estimular *escrevivências* na escola, contando, para tanto, com o apoio das reflexões críticas

proporcionadas pelos textos de raps selecionados para cada encontro com a turma. Dessa maneira, buscamos construir propostas de ensino que sejam críticas e potencialmente emancipatórias, conforme concebidos por Adorno (1995) e Davis (2016).

Na seção abaixo, apresentaremos um exemplo de um projeto-piloto iniciado em junho deste ano, no contexto de retomada lenta e gradual das aulas presenciais nas escolas municipais da capital paulista.

“Não pense que é só uma gripezinha”: experiências práticas na emef célia regina

A pesquisa-ação prática sobre estratégias para o ensino interdisciplinar e transversal de História e Português que estamos desenvolvendo na EMEF Prof^a Célia Regina Lekevicius Consolin¹¹, com a turma do 7^oB, representa um dos projetos de extensão e pesquisa universitária¹² desenvolvidos

11 A escola está situada no Parque Novo Mundo, próxima da marginal do Rio Tietê, na zona Norte de São Paulo. A instituição atende 684 estudantes atualmente, moradores, tanto da Comunidade da Chácara Bela Vista, conjunto habitacional localizado próximo à escola, como da favela da Baracela e da Penha, bairro da zona leste localizado no outro lado da margem do Rio Tietê. Destes, uma pequena parcela mora em uma rua de moradias precárias chamada Rua dos Anjos, mas a maior parte dos estudantes mora no Conjunto Habitacional Cingapura.

12 O Projeto-maior intitulado “Raça, gênero, etnomatemática, etnociências e culturas afro-brasileiras - relações étnico-raciais e diversidade de gênero na construção de uma epistemologia afrobrasileira e feminista nas escolas públicas de São Paulo” envolve, além da EMEF Célia Regina Lekevicius Consolin, as

pelo Grupo de pesquisa da Faculdade de Educação da USP com educadores de escolas públicas na periferia de São Paulo.

Com base em reflexões teóricas e em reuniões preparatórias, planejamos um conjunto de aulas, no qual cada passo pudesse contar com momentos de participação ativa dos alunos, conforme preconizado pelo pensamento freiriano (1996), ao valorizar os repertórios dos estudantes.

Como ainda estamos vivendo um momento difícil de crise econômica, política e social, potencializada pela pandemia de Covid-19, pensamos em como promover práticas que auxiliem na elaboração deste período com muitas memórias traumáticas, marcado pelo distanciamento social, pelo isolamento, mas também por violências que nesse contexto se ampliaram, somado às vulnerabilidades que os meninos e as meninas da região da escola já enfrentavam antes da pandemia.

A escola tem ciência que muitos estudantes, infelizmente, estão vivendo a experiência do luto e passam por situações socioeconômicas difíceis em seus lares. Questões que precisam ser elaboradas por esses jovens de alguma forma.

escolas, EMEF Irineu Marinho, Levy de Azevedo Sodré e a Escola Estadual Prof. Mário Manoel Dantas de Aquino. Ligado à Faculdade de Educação da USP e coordenado pela Prof^a. Dr^a Mônica do Amaral, conta com a participação de educadoras e educadores, gestores de escolas, pesquisadores acadêmicos, psicólogos, além de arte-educadores, em prol do desenvolvimento de estratégias de ensino críticas, potencialmente emancipatórias e culturalmente relevantes para jovens estudantes de escolas públicas de São Paulo-SP.

Dessa maneira, decidimos iniciar nosso projeto com uma atividade de acolhimento, cuja proposta seria justamente refletir profundamente sobre as experiências que foram vividas por todos neste período. A estratégia foi iniciar as discussões pelas “bordas”, nem sempre de maneira direta, mas a partir da interpretação das letras de um rap e de uma poesia, ambos escritos no período de isolamento social mais rígido. Dessa forma, procuramos nos inspirar na proposta dos *curandeiros-feridos*, apresentada pela *Pedagogia Hip-Hop*, de Hill (2014).

Começamos nossos encontros semanais com o 7ºB em junho de 2021. A primeira dinâmica visou uma apresentação e o reconhecimento do grupo, mesmo já estando no meio do ano letivo¹³. Tivemos muitos resultados surpreendentemente positivos, mesmo com toda a defasagem nas

¹³ Aqui é importante frisar que a escola também não é a mesma, novas rotinas de atendimento, em que tempos e espaços fragmentados pela pandemia podem ter deixado o ambiente escolar ainda mais fragmentado do que já costuma ser o Ensino Fundamental II. Na EMEF Célia Regina, os alunos que retornaram estão frequentando em sistema de rodízio diário, o que dividiu a turma do 7ºB em amarela e vermelha, o que agrava ainda mais as discontinuidades pedagógicas. E esses que estão retornando vêm com uma defasagem muito grande. E, como a cada encontro temos uma turma diferente, o intervalo de encontro com o mesmo grupo de alunos foi quinzenal. Por outro lado, a escola ainda não está preparada estruturalmente para um retorno integral seguindo os protocolos de segurança. Além disso, essas duas turmas estão em diferentes momentos de retorno, na medida em que um dos grupos (o vermelho) já estava retornando para a escola desde maio, pelo menos. O outro (amarelo) começou a frequentar em agosto. O que fez com que os dois grupos apresentassem diferenças significativamente em termos de aprendizagem. Atrelado a tudo isso ainda tivemos um aumento considerável da evasão escolar.

aprendizagens geradas pelo longo período de afastamento da escola.

Os resultados positivos que pudemos observar estão relacionados justamente à visão crítica sobre as consequências deste período pandêmico que os estudantes trouxeram, conforme fomos desenvolvendo a própria temática proposta para a atividade de acolhimento. Foram feitas discussões e produções de texto, nas quais alunas e alunos apresentaram suas visões sobre o atual momento histórico.

Com efeito, obtivemos devolutivas que só foram possíveis ao mudar a forma de abordar os temas históricos, não apenas indagando-lhes diretamente o que achavam disso ou daquilo, mas usando a própria música e a experiência de cada um deles como ferramentas de ensino.

O diálogo entre as disciplinas ocorreu tanto na forma, quanto no conteúdo das aulas: discutimos temas históricos (no caso, o atual momento de crise pandêmica, suas características e consequências), mas também avançamos sobre as demandas de língua portuguesa (leitura e interpretação de texto; análise literária)¹⁴.

Começamos nossa caminhada discutindo o clipe *Quarentena* do Mv Bill (2020), usando o método dialógico, onde criamos

¹⁴ Cada encontro era realizado durante duas horas-aulas em sequência e de maneira interdisciplinar, envolvendo as matérias de História e Português. Como se tratava de uma segunda aula que não era a de História, mas sim da aula de língua portuguesa, felizmente acabamos estabelecendo uma nova parceria com a professora Fabiana que não apenas cedeu a aula para o projeto, como acabou por se envolver a fundo nas docências compartilhadas.

momentos para os alunos destacarem trechos, palavras-chave, imagens e reflexões daquilo que eles iam entendendo e sentindo ao interpretarem a letra do rap.

A estratégia de interpretação partiu do *levantamento de palavras-chaves* sobre o que as alunas e alunos pensaram ao assistir o vídeo clipe. Esta estratégia estimulou a profusão de ideias deles. Claro que houve muitos momentos em que percebemos um desânimo geral e falta de engajamento com o proposto, mas como mencionado, ao observar resultados positivos, isso não ocorreu com todos, e nem na maior parte do tempo. A maioria dos estudantes destacaram algum trecho do rap ou apresentaram alguma reflexão correlata, mas nem todos se aprofundaram nas justificativas sobre o trecho escolhido ou sobre o que estavam elaborando. Vamos às análises e reflexões da turma do 7ºB.¹⁵

Muitos estudantes, logo de início, já apontavam que a mensagem da letra de *Quarentena*, de MV Bill, no geral tratava de uma crítica ao governo ou à falta de ação política Federal no combate à pandemia, como foi expresso no rap com o termo “negligência” que rimou com “não ter plano de contingência”.

Entre os assuntos discorridos, apareceram tanto críticas ao papel dos governos no combate à pandemia, como também ao comportamento das pessoas nos bairros e comunidades vivenciados pelos estudantes. Também apareceram debates sobre o

¹⁵ As discussões abaixo estão presentes nos relatórios elaborados sobre cada encontro. São registros importantes para se fazer um balanço crítico da pesquisa e aprimoramento de nossa proposta.

funcionamento do Estado e críticas sobre a ideia de *gripezinha* proferida pelo presidente, ou seja, ao fato do Governo Federal ter minimizado o problema, levando muitas pessoas comuns a minimizarem o problema também. Além disso, houve discussões sobre o auxílio emergencial e as dificuldades socioeconômicas; sobre a falta de água encanada e potável em muitas quebradas, o que dificultou as tomadas de medidas profiláticas em muitos casos.

Deste último diálogo sobre a ausência de água encanada e potável em muitas comunidades, por exemplo, o assunto fluiu para a questão das desigualdades sociais. Engana-se quem pensa que forçamos ou impusemos as discussões, elas partiram das próprias percepções deles ao interpretar e discutirem a letra de *Quarentena* (MV BILL, 2021) e, a partir daí, fomos propondo novos elementos para reflexão.

Prosseguindo com a proposta, nas aulas seguintes aprofundamos as discussões com a leitura e interpretação do poema *Curar* da estadunidense Catherine O'Meara¹⁶, uma mulher branca de classe média, cuja visão sobre o isolamento social transborda otimismo e esperança, por vezes, de maneira distante da realidade de muitas das nossas crianças e jovens. Ambos, MV Bill e O'Meara escreveram seus textos na mesma época em 2020 e tratam do mesmo tema: o isolamento social durante a pandemia de Covid-19.

16 O'MEARA, Catherine. **Curar**. The Daily round. 2021. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2020/04/01/o-singelo-poema-sobre-a-quarentena-que-tem-comovido-internautas-de-todo-o-mundo/em>. Acesso em: 19 out. de 2021.

Esta relação intertextual possibilitou discussões interessantes, uma vez que estimularam comparações, ressaltando a diferença de pontos de vistas sobre o mesmo tema e a forma de apresentação de suas percepções.

A aluna B., durante o debate, destacou a palavra “negligência”, que aparece na letra do rap ao se referir ao governo e às autoridades e também notou uma grande diferença de visão entre a abordagem dos dois autores, pois para ela, O'Meara estava iludida, no mundo da fantasia, ao escrever que as pessoas ficaram se exercitando e que a Terra iria se curar de tudo. Neste ponto, o colega P. observou que a autora não falava de pobreza ou da favela, como é o foco do MV Bill e ainda arriscou sugerindo que embora não soubesse da condição da cantora, mas que ela de “lá” parecia ter uma vida melhor. O assunto sobre a falta de água potável e encanada, mencionado em um dos parágrafos do rap, também foi destacado por ele. Este foi um tema recorrente nas discussões.

Na mesma linha da crítica ao poema, R. também disse “é como se a pandemia tivesse acabado para ela”, mas mencionou que a ideia de curar é possível e que “podemos incentivar as pessoas” com essa mensagem. P. primeiramente disse que não tinha nada a dizer, mas depois pensou e falou “As pessoas ainda não se curaram”, passando a discorrer sobre o que ela pensava sobre o período pandêmico que vivemos. A partir daí, P. foi uma das alunas mais participativas, não só nesse encontro, mas também nos demais.

Uma mudança mais radical, no sentido positivo, percebemos com o aluno C.,

pois em uma das primeiras aulas o aluno não queria nem realizar a leitura compartilhada de um dos textos propostos, mas depois, com o avanço das discussões na turma e com a percepção de que ele também tinha o que dizer, a postura foi outra. Num segundo momento, C. foi um dos que mais participou, passando a ser o primeiro a querer ler. C., R. e outros alunos destacaram a palavra “gripezinha” ao longo de nosso debate, dizendo se tratar de uma mentira grave, pois muita gente morreu¹⁷.

As discussões sobre as letras da música e do poema deram subsídios e criaram momentos privilegiados para o desenvolvimento de habilidades preconizadas pelo Currículo da Cidade de São Paulo e pela BNCC, mas também ajudaram os estudantes na elaboração de suas ideias e na produção de suas próprias letras e rimas, expressando, de maneira criativa, as suas vivências¹⁸ e estimulando aquilo que entendemos à luz de Evaristo, como *escrevivências* (2018). O resultado dessas discussões e práticas está nos versos que eles produziram em grupos.

¹⁷ Estes relatos dizem respeito às discussões iniciais com a turma vermelha do 7ºB. A partir de agosto começamos a atender o outro grupo de alunos (grupo amarelo) do mesmo 7ºB, estudantes que até então estavam só no ensino remoto.

¹⁸ Durante os encontros em que eles realizavam a escrita, pedimos para que formassem grupos e se dispusessem na sala em estações de trabalho. Nossa mediação, nesses momentos, se deu apenas estimulando as ideias deles e auxiliando na ortografia e estruturação dos versos.

Considerações finais

*As produções desenvolvidas pelas alunas e alunos do 7ºB da EMEF Célia Regina foram criativas e críticas. Deste modo, tivemos resultados parciais que vão ao encontro da lógica presente nos *raps socialmente engajados*, fazendo convergir *Pedagogia Hip Hop* (2014) e a proposta de se estimular as *escrevivências* de Evaristo (2018).*

Podemos destacar alguns trechos das produções dos estudantes, para exemplificar o que queremos dizer: Em seus versos, os colegas G., J. e Pe. ressaltaram o território em que estão inseridos, com o título “Bela Vista contra o Covid”¹⁹. O grupo trouxe especificidades na forma de contar um problema geral, que se passou e se passa em todas as periferias, mas compreendendo o seu lugar, numa cultura própria formada entre um entroncamento de vias, quais sejam, a Marginal Tietê, a Educador Paulo Freire e dois viadutos, a ponte do Aricanduva e a ponte Domingos Franciulli Netto, esta passa quase em cima da quadra da escola. A comunidade cresceu num entroncamento de rodovias, oriundo do crescimento desordenado de São Paulo, segregando a região da própria metrópole, o que, por outro lado, pode ter contribuído para fortalecer a união dos moradores locais e a ideia de pertencimento, destacada pelos alunos.

¹⁹ “Eu moro no Bela Vista/ E vamos fazer essa batida/ Do lado da pista/ tem uma rua sem saída/ Aqui é uma coisa feia/ e tem muita gente bagunceira/ Porque faz uma fumaceira/ Por causa desse covid/ vamos lhe dar um palpite/ e vamos lhe fazer um convite:/ Para acabar com esse covid/ Vamos nos prevenir/ pra depois de casa sair!”, G., J. e Pe.

Notamos isso no trecho “Do lado da pista/ Tem uma rua sem saída”. A pista a que se referem é a Marginal Tietê e a rua sem saída é a que fica ao lado da escola, uma via ao lado da Marginal, mas sem acesso, fechada e desconectada da “pista”.

Em outro grupo, dos alunos Jo., Júlio e V. aparecem os seguintes versos: “Tem gente que não liga para os outros/ Não liga para as pessoas da comunidade/ Use máscara!/ Tem gente que não liga para esse vírus...”²⁰.

Essa crítica foi dirigida ao comportamento de pessoas próximas deles, mas também expressa uma preocupação frente ao abandono do Estado, algo que aparece ainda em outras letras, como destacado pelo grupo de meninas B., P. e S. nos seguintes versos: “A favela é apertadinha, tá ligado, meu irmão?/ O coronavírus não está para brincadeira, não/ Com o Covid-19 veio a crise financeira, então/ Se cuide e mantenha a prevenção!”.

Nesse caso, também podemos notar uma crítica ao problema macroeconômico-social que atinge mais as periferias das metrópoles. Crítica apontada pelo grupo do C. e da R. com o título “Gripezinha” ao denunciar de forma direta o descaso, a minimização e o negacionismo do governo:

20 “Gente vamos se proteger/ O corona é sério/ Ele é pra valer!/ Tem que e proteger/ E usar máscara/ Se não, pode acontecer uma desgraça/ Na comunidade o vírus aumenta/ Porque ninguém segue as regras/ E sofre as consequências/ Use álcool em gel/ Este é o seu papel/ Fica em casa, se cuide/ Tem gente que não liga para os outros/ Não liga para as pessoas da comunidade/ Use máscara! É muito sério! Vamos se lembrar de.../ Usar a máscara! Vamos se lembrar de... usar a máscara!/ Vamos se lembrar de... usar a máscara!”.

“Para uma ‘gripezinha’/ Muitos estão se perdendo/ Muitas pessoas aqui estão sofrendo/ E outras até morrendo [...]”.

Os exemplos poderiam ser multiplicados, mas já podemos ter uma noção boa, dentro da proposta desse artigo, do que as letras produzidas resultaram e como foram importantes os momentos de diálogo e reflexão com a turma sobre as causas e consequências da desigualdade nos planos, social, econômico e político, vigentes no Brasil, estruturas exacerbada pela pandemia de covid-19.

As letras facilitam a introdução dessas discussões delicadas, que envolvem perdas, lutos e dores. Por meio de recursos literários, como a poesia e o rap também podem trazer esperanças. Contudo, elas realçam como propostas de ensino, que visam uma formação emancipatória e crítica, são potencializadas com estratégias que estimulam a articulação das reflexões sobre o contexto social com experiências particulares, relacionando, por exemplo, a história mais geral de um passado colonial e escravista, a história de resistências e culturas ancestrais e as vivências individuais de cada um.■

[FÁBIO DA SILVA CÂNDIDO]

Licenciado e bacharel em História pela UNIFESP,
professor da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.
E-mail: fabio.candido@sme.prefeitura.sp.gov.br

[KLEBER GALVÃO DE SIQUEIRA JUNIOR]

Doutorando em Educação pela FEUSP.
E-mail: kleber.siqueira@usp.br

Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, 1995.

AMARAL, Mônica. **O que o rap diz e a escola contradiz**: um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude na periferia de São Paulo. São Paulo: Alameda, 2016.

SIQUEIRA Jr, Kleber. **Serviço de preto, muito respeito**: introdução às sobre as raízes do racismo da discriminação no Brasil e História africana por meio do rap. in: AMARAL, Mônica; REIS, Rute; SANTOS, Elaine; DIAS, Cristiane (Orgs.) Culturas ancestrais e contemporâneas na escola: novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003. São Paulo: Alameda, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HILL, Marc Lamont. **Batidas, rimas e vida escolar**: pedagogia hip-hop e as políticas de identidade. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

MV BILL. **Quarentena**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NQiykuwYLSk>. Acesso em: 19 out. 2021.

O'MEARA, Catherine. **Curar**. The Daily round. 2021. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2020/04/01/o-singelo-poema-sobre-a-quarentena-que-tem-comovido-internautas-de-todo-o-mundo/em>. Acesso em: 19 out. de 2021.

SÃO PAULO. (SP). **Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade**: ensino fundamental: componente curricular: História. – 2.ed. – São Paulo: SME / COPED, 2019.